

James Salter

TUDO O  
QUE CONTA

*tradução de*  
Francisco Agarez

LIVROS DO BRASIL

*Para Kay*

Chega uma altura em que percebemos que tudo é um sonho, e só as coisas guardadas por escrito têm alguma possibilidade de ser reais.

## ROMPER DO DIA

A água correu veloz durante toda a noite escura.

Entre cobertas, em camadas sobrepostas de beliches de ferro, seis por fila, centenas de homens silenciosos, muitos de barriga para cima e com os olhos ainda abertos apesar de estar quase a amanhecer. A luz era reduzida, os motores latejavam sem parar, os ventiladores sugavam ar húmido, mil e quinhentos homens com mochilas e armas tão pesadas que podiam levá-los diretamente para o fundo, qual âncora lançada ao mar, parte de um gigantesco exército que navegava em direção a Okinawa, a grande ilha que ficava mesmo a sul do Japão. Na realidade, Okinawa já era Japão, parte da mãe-pátria, estranha e desconhecida. A guerra, que já levava três anos e meio, aproximava-se do fim. Dentro de meia hora os primeiros grupos de homens apresentar-se-iam para o pequeno almoço, que comeriam de pé, ombro com ombro, solenes, calados. O navio avançava suavemente, produzindo um ruído ténue. O aço do casco rangia.

A guerra no Pacífico não era como as outras. Começando pelas distâncias, que eram enormes. Não havia nada mais do que dias e dias de mar vazio e lugares com nomes estranhos, separados por mil milhas. Havia sido uma guerra de muitas ilhas, arrancadas aos Japoneses uma a uma. Guadalcanal, que se transformou numa lenda. As Salomão e o Estreito. Tarawa, onde as lanchas de desembarque encalharam em recifes distantes da costa e os homens foram dizimados por fogo inimigo cerrado como um enxame de abelhas, o horror das praias, corpos inchados trazidos pela rebentação, os filhos da nação, belos alguns.

A princípio com uma rapidez assustadora os Japoneses tinham conquistado tudo, Índias Orientais Holandesas, Península Malaia, Filipinas. Grandes baluartes, fortificações profundas com fama de inexpugnáveis,

tudo varrido numa questão de dias. Só houvera um contra-ataque, a primeira grande batalha de porta-aviões no meio do Pacífico, perto de Midway, onde dez porta-aviões japoneses insubstituíveis foram ao fundo com todos os seus aviões e pilotos experimentados. Um duro golpe, mas mesmo assim os Japoneses continuavam inabaláveis. Os dedos da mão de ferro com que dominavam o Pacífico iam ter de ser partidos um a um.

As batalhas eram intermináveis e impiedosas, em selva densa e sob calor intenso. No fim, perto da costa, as palmeiras erguiam-se nuas, como estacas altas, com todas as folhas arrancadas pelos disparos. O inimigo combatia selvaticamente, as estranhas estruturas em forma de pagode dos seus vasos de guerra, a sua língua sibilada e impenetrável, a sua robustez e ferocidade. Não se rendiam. Lutavam até à morte. Executavam prisioneiros com espadas afiadas, espadas que empunhavam com ambas as mãos e erguiam bem acima da cabeça, e eram impiedosos na vitória, de braços no ar em triunfo coletivo.

Em 1944 tinham começado as grandes etapas finais. O objetivo era pôr o território japonês ao alcance dos bombardeiros pesados. Saipan era a chave. Era grande e fortemente defendida. Havia mais de trezentos e cinquenta anos que o exército japonês não era derrotado em combate, a não ser nos postos avançados — Nova Guiné, ilhas Gilbert e lugares semelhantes. Na ilha de Saipan estava estacionada uma força de vinte e cinco mil japoneses com ordens para não ceder nada, nem sequer um centímetro de terreno. Na ordem das coisas terrenas, a defesa de Saipan era considerada uma questão de vida ou de morte.

Em junho começou a invasão. Os Japoneses tinham na região perigosas forças navais, cruzadores e couraçados de grande porte. Foram desembarcadas duas divisões de fuzileiros, seguidas de uma divisão do exército.

Foi, para os Japoneses, o desastre de Saipan. Vinte dias depois, quase todos tinham morrido. O general japonês e também o almirante Nagumo, que havia comandado as tropas em Midway, suicidaram-se, e centenas de civis, homens e mulheres aterrados com a perspectiva de serem dizimados, entre os quais mães com os filhos nos braços, atiraram-se das falésias altas ao encontro da morte nas rochas escarpadas.

Soara o toque de finados. Passava a ser possível bombardear as principais ilhas do Japão, e no mais feroz de todos os ataques, um bombardeamento aéreo de Tóquio com projéteis incendiários, morreram numa única noite mais de oitenta mil pessoas no inferno dantesco.

A seguir caiu Iwo Jima. Os Japoneses fizeram um último juramento: antes a morte de cem milhões, a população inteira, do que a rendição.

No caminho ficava Okinawa.

Nascia o dia, um pálido alvorecer no Pacífico que não tinha um verdadeiro horizonte, com os cumes das nuvens a captar a primeira luz. O mar estava vazio. Lentamente apareceu o Sol, que inundou a água pintando-a de branco. Um segundo-tenente chamado Bowman tinha subido ao convés e estava de pé junto à balaustrada, a observar. O seu companheiro de camarote, Kimmel, aproximou-se em silêncio. Era um dia que Bowman não mais iria esquecer. Que nenhum deles iria esquecer.

— Alguma coisa?

— Nada.

— Nada que se veja — disse Kimmel. Olhou para a proa, depois para a ré.

— Está tudo demasiado calmo — disse.

Bowman era navegador e também, soubera apenas na antevéspera, oficial de quarto.

— Senhor comandante — perguntara —, o que é que isso implica?

— Tem aqui o manual — respondera o imediato. — Leia-o.

Começou nessa noite, dobrando os cantos de certas páginas à medida que ia lendo.

— Que estás a fazer? — perguntou Kimmel.

— Agora não me chateies.

— O que é que estás a ler?

— Um manual.

— Essa agora, estamos no meio de águas inimigas e tu para aí sentado

a ler um manual? Não é altura para isso. A esta hora já tinhas obrigação de saber o que te compete fazer.

Bowman ignorou-o. Vinham juntos desde o princípio, desde a escola naval, onde o comandante, um oficial de marinha cuja carreira chegou ao fim quando o contratorpedeiro que comandava encalhou, mandava pôr um exemplar de *Uma Carta para Garcia*, texto edificante do tempo da Guerra Hispano-Americana, no beliche de cada um dos cadetes. O capitão McCreary não tinha futuro mas guardava lealdade aos padrões do passado. Todas as noites apanhava bebedeiras de caixão à cova mas de manhã aparecia sempre fresco e bem barbeado. Sabia de cor o livro dos regulamentos marítimos e comprava os exemplares de *Uma Carta para Garcia* com dinheiro do seu bolso. Bowman tinha lido a *Carta* com muita atenção e ainda era capaz de recitar algumas partes. *Garcia encontrava-se nas montanhas agrestes de Cuba, mas ninguém sabia onde...* A mensagem era simples: Cumpre o teu dever de maneira completa e absoluta sem perguntas nem desculpas desnecessárias. Kimmel tinha-se desmanchado a rir ao lê-la.

— Sim, senhor comandante. Todos aos seus postos!

Tinha o cabelo negro e era franzino, e caminhava com o passo desengonçado próprio de quem tem as pernas compridas. Dava sempre a impressão de ter dormido fardado. O pescoço ficava-lhe a nadar no colarinho. Entre a tripulação era conhecido como o Camelo, mas tinha um porte garboso que agradava às mulheres. Em San Diego tinha namorado uma rapariga cheia de garra que se chamava Vicky e era filha do dono de uma concessão de automóveis, a Palmetto Ford. Tinha o cabelo loiro, penteado para trás, e um certo ar atrevido. Estavam sentados no quarto de hotel que ele tinha alugado com outros dois oficiais e onde, explicava, estariam longe do barulho do bar, a beber Canadian Club e Coke.

— Como é que isto aconteceu? — perguntou ele.

— Como é que aconteceu o quê?

— Eu conhecer uma miúda como tu.

— De facto não merecias — disse ela.

Ele riu-se e disse:

— Foi o destino.

Ela sorveu um gole da sua bebida.

— O destino. Quer isso dizer que eu vou casar contigo?

— Meu Deus, já vais aí? Eu não tenho idade para me casar.

— Se calhar só me enganavas dez vezes no primeiro ano — disse ela.

— Eu nunca te enganaria.

— Ha ha.

Ela sabia perfeitamente como ele era, mas trataria de lhe dar a volta. Gostava da maneira como ele ria. Primeiro teria de o apresentar ao pai, comentou.

— Adorava conhecer o teu pai — respondeu Kimmel com aparente sinceridade. — Já lhe falaste de nós?

— Achas que eu sou maluca? Ele matava-me.

— Que queres tu dizer com isso? Matava-te porquê?

— Por eu engravidar.

— Tu estás grávida? — perguntou Kimmel, alarmado.

— Sei lá!

Vicky Hollins no seu vestido de seda, os olhares que atraía quando passava. De saltos altos não era muito pequena. Gostava de se tratar pelo apelido. Fala Hollins, dizia quando atendia o telefone.

O embarque estava próximo e isso era o que tornava tudo real, ou uma forma de realidade.

— Quem sabe se voltaremos — disse Kimmel distraidamente.

Havia cartas dela nos dois sacos de correio que Bowman fora buscar a Leyte. O imediato tinha-o mandado lá para tentar descobrir no centro de distribuição postal da esquadra a correspondência para o navio — já não recebiam correio há dez dias — e ele tinha regressado com os sacos, triunfante, num avião TBM. Kimmel leu trechos das cartas dela em voz alta, principalmente a pensar em Brownell, o terceiro ocupante do camarote. Brownell era sisudo e moralmente puro, com o queixo marcado por vestígios de acne. Kimmel gostava de o provocar. Cheirou uma página da carta. Sim, era o perfume dela, disse, reconhecê-lo-ia em qualquer lugar.

— E se calhar mais alguma coisa — especulou. — Estou cá a pensar. Achas que ela a terá esfregado pela... Toma — disse, estendendo-a a Brownell —, dá-me a tua opinião.

— Não sou eu que posso saber — disse Brownell, desconfortável. As cicatrizes do queixo tornaram-se evidentes.

— Podes, sim, ou não fosses tu um velho cheira-conas.

— Não tentes envolver-me na tua lascívia.

— Não é lascívia nenhuma, ela escreve-me porque estamos apaixonados. É uma coisa bela e pura.

— Como é que sabes?

Brownell estava a ler *O Profeta*.

— *O Profeta*. O que é isso? — perguntou Kimmel. — Deixa-me ver. Para que é que isso serve? Diz-nos o que vai acontecer?

Brownell não respondeu.

As cartas eram menos excitantes do que uma página coberta de caligrafia feminina podia sugerir. Vicky era muito conversadora e as suas cartas eram um relato pormenorizado e um tanto repetitivo da sua vida, que consistia em parte em voltar a todos os lugares onde tinha estado com Kimmel, normalmente na companhia de Susu, sua melhor amiga, e também de outros jovens oficiais de marinha, mas sempre a pensar em Kimmel. O *barman* lembrava-se deles, contava Vicky, um casal fabuloso. Rematava sempre as cartas com um verso de uma canção em voga. *I didn't want to do it*, por exemplo.

Bowman não tinha namorada, nem fiel nem infiel. Não sabia nada do amor, mas tinha relutância em admiti-lo. Pura e simplesmente ignorava o assunto quando se falava de mulheres e agia como se o caso escaldante de Kimmel fosse para ele terreno mais ou menos conhecido. A sua vida era o navio e as suas funções a bordo. Sentia-se leal a ele e a uma tradição que respeitava, e tinha um certo orgulho quando o comandante ou o imediato chamava «Sr. Bowman!». Gostava de receber a confiança deles, por muito inesperada que fosse.

Era diligente. Tinha olhos azuis e cabelo castanho penteado para trás. Já na escola fora diligente. A professora Crowley tinha-o retido um

dia, no fim da aula, para lhe dizer que daria um excelente latinista, mas se o visse agora de uniforme e divisas desbotadas pelo mar ficaria muito impressionada. Desde o momento em que ele e Kimmel tinham embarcado no navio em Ulithi, sentia que tinha cumprido bem o seu dever.

Como se comportaria em combate era o que tentava avaliar mentalmente naquela manhã enquanto os dois contemplavam o mar desconhecido e misterioso e o céu que já começava a clarear. Coragem e medo e como se agiria debaixo de fogo não eram assuntos sobre os quais se conversasse. Esperava-se, quando chegasse o momento, estar à altura das expectativas. Bowman tinha fé, ainda que não completa, em si mesmo e depois nos seus chefes, nos nomes experientes que comandavam a esquadra. Uma vez avistara à distância, baixo e veloz, o navio almirante camuflado, o *New Jersey*, com Halsey a bordo. Foi como ver de longe o imperador em Ratisbona. Sentiu uma espécie de orgulho, ou mesmo de realização. Era quanto lhe bastava.

O verdadeiro perigo viria do céu, dos ataques suicidas, dos *kamikazes* — a palavra significava «ventos divinos», as tempestades enviadas do céu que, séculos antes, tinham salvado o Japão da esquadra invasora de Kublai Khan. Esta era mais uma intervenção vinda do alto, desta vez sob a forma de aviões carregados de bombas que voavam apontados aos navios inimigos e cujos pilotos morriam no ato.

O primeiro destes ataques tivera lugar nas Filipinas alguns meses antes. Um avião japonês investiu em voo picado contra um cruzador pesado e explodiu, matando o comandante e muito mais gente. A partir daí os ataques multiplicaram-se. Os Japoneses chegavam em grupos irregulares, surgindo de repente. Os homens viam-nos, com um fascínio quase hipnótico, descer direitos a eles atravessando intenso fogo antiaéreo ou voar baixo, rentes à água. Para defender Okinawa os Japoneses haviam planeado lançar o maior de todos os ataques de *kamikazes*. As perdas de navios seriam tão pesadas que a invasão seria repelida e aniquilada. Não era um simples sonho. O desfecho das grandes batalhas dependia muitas vezes da determinação.

Ao longo da manhã, porém, nada aconteceu. As vagas inchavam e

percorriam o casco, algumas delas eclodindo em espuma branca, desfazendo-se e recuando. Havia um teto de nuvens. Abaixo dele, o céu estava limpo.

O primeiro alerta de aviões inimigos chegou numa chamada da ponte, e Bowman corria para o seu camarote para ir buscar o colete salva-vidas quando soou o sinal de alarme geral, sobrepondo-se a tudo o resto, e ele cruzou-se com Kimmel, que levava um capacete que parecia muito grande para ele e subia a escada metálica aos gritos de «É agora! É agora!». O fogo tinha começado e todas as bocas de fogo do navio e dos navios próximos entraram em ação. O barulho era ensurdecedor. Enxames de fogo antiaéreo subiam no ar por entre baforadas de fumo negro. Na ponte, o comandante tinha de bater no braço do homem do leme para se fazer ouvir. Ainda havia homens a dirigir-se aos seus postos. Tudo estava a acontecer a duas velocidades, a do barulho e da pressa desesperada e também outra, menor, a do destino, uns pontos negros no céu que se esquivavam aos disparos. Estavam longe e o fogo não parecia poder atingi-los e de repente iniciava-se algo diferente, no meio de todo o estrépito descia um único avião negro como um inseto cego, infalível, apontado a eles, de insígnias vermelhas nas asas e reluzente carlinga preta. Todas as armas do navio estavam a disparar e os segundos fundiam-se uns nos outros. Então, com uma enorme explosão e um gêiser de água, sentiram o navio fugir-lhes debaixo dos pés — o avião tinha-os atingido ou falhado por pouco. No meio do fumo e da confusão ninguém sabia ao certo.

— Homem ao mar!

— Onde?

— À popa, senhor comandante!

Era Kimmel, que, pensando que o paiol a meia-nau tinha sido atingido, saltara para a água. O barulho ainda era aterrador, disparava-se contra tudo. Na esteira do navio e tentando nadar pelo meio das grandes ondas e dos destroços da explosão, Kimmel desaparecia da vista. Não podiam parar nem voltar para trás. Ter-se-ia afogado, mas miraculosamente foi avistado e recolhido por um contratorpedeiro que quase imediatamente a seguir foi afundado por outro *kamikaze* e a tripulação salva por

um segundo contratorpedeiro que, uma escassa hora depois, foi arrasado pela linha de água. Kimmel acabou por ir parar a um hospital de marinha. Transformou-se numa espécie de lenda. Tinha saltado do seu navio por engano e num dia tinha participado em mais ações de combate do que todos os outros participariam na guerra inteira. A partir daí, Bowman perdeu-lhe o rasto. Por várias vezes ao longo dos anos tentou localizá-lo em Chicago, mas sem resultado. Nesse dia foram afundados mais de trinta navios. Para a esquadra foi a prova mais dura de toda a guerra.

Dias depois, quase no mesmo local, os sinos dobraram pela Armada Imperial. Durante mais de quarenta anos, desde a sua estrondosa vitória sobre os Russos em Tsushima, os Japoneses tinham vindo a reforçar o seu poderio. Um império insular não podia dispensar uma armada poderosa, e os navios japoneses eram concebidos para serem superiores. Como as suas tripulações eram constituídas por homens mais baixos, havia necessidade de menos espaço e menos conforto entre cobertas, o que permitia armamento mais pesado, peças maiores e velocidade superior. O maior destes navios, invencível, de chapa de aço mais grossa do que a de todos os existentes e desenho mais avançado, tinha o nome poético da própria nação, *Yamato*. Com ordens para atacar a vasta esquadra invasora ao largo de Okinawa, zarpou escoltado por nove navios de um porto no Mar Interior onde estivera fundeado, à espera.

Foi uma partida carregada de mau augúrio, como o silêncio inquietante que precede uma tempestade iminente. Atravessando a água verde do porto ao fim do dia, comprido, negro e possante, deslocando-se a princípio lento e grave, abrindo uma esteira, ganhando velocidade, quase em silêncio, passando pelas grandes gruas das docas, as margens envoltas na bruma do anoitecer, deixando atrás de si remoinhos de espuma branca, o *Yamato* fez-se ao mar. Os sons que se ouviam eram sons abafados; respirava-se um ambiente de despedida. O comandante dirigiu-se à tripulação inteira concentrada no convés. Tinham munições em abundância, os paióis cheios de obuses grandes como caixões, mas não

levavam combustível, disse-lhes, para o regresso. Iam a bordo três mil homens e um vice-almirante. Haviam escrito cartas de despedida aos seus pais e esposas e navegavam ao encontro da morte. *Procura a felicidade com outro*, escreveram. *Orgulhai-vos do vosso filho*. A vida era para eles um bem precioso. Iam sorumbáticos e receosos. Muitos rezavam. Sabiam que o navio estava destinado a sucumbir como símbolo da recusa inabalável da nação em render-se.

Já de noite contornaram a costa de Kyushu, a mais meridional das principais ilhas japonesas, onde em tempos fora desenhado na praia o contorno de um couraçado americano para os pilotos que iriam atacar Pearl Harbor treinarem os bombardeamentos. As vagas quebravam-se e lambiam o casco. Reinava entre a tripulação um espírito estranho, quase de alegria. À luz do luar cantavam e gritavam *banzai!* Muitos repararam que havia no mar um cintilar insólito.

Foram detetados ao amanhecer quando ainda estavam longe de qualquer navio americano. Um avião patrulha da marinha enviou uma mensagem de rádio urgente, não codificada: *Força inimiga em direção a sul. Pelo menos um couraçado, muitos contratorpedeiros... Velocidade vinte e cinco nós*. Com o amanhecer tinha-se levantado o vento. O mar estava encrespado com nuvens baixas e aguaceiros. Grandes vagas batiam contra o costado do navio. Até que, conforme previsto, apareceram no radar os primeiros aviões. Não uma formação única, muitas formações, um enxame que enchia o céu, duzentos e cinquenta caças ao todo.

Surgiam do meio das nuvens, bombardeiros de mergulho e torpedeiros, mais de cem de cada vez. O *Yamato* fora construído para ser invulnerável a ataques aéreos. Todas as suas peças estavam a fazer fogo quando caíram sobre ele as primeiras bombas. De repente, um dos contratorpedeiros da escolta adornou, mortalmente atingido, e, mostrando o vermelho escuro do bojo, foi ao fundo. Rasgando a água, os torpedos passavam em catadupa em direção ao *Yamato*, deixando atrás de si um cordão branco de espuma. O convés inexpugnável tinha sido rasgado, chapa de aço com mais de trinta centímetros de espessura, homens esmagados ou abertos ao meio. «Não desanimem!», bradava o comandante. Os oficiais

tinham-se amarrado aos seus postos na ponte e as bombas continuavam a atingir o navio. Outras falhavam por pouco, projetando grandes colunas de água, muros de água que varriam o convés, sólidos como se fossem de pedra. Não era uma batalha, era um ritual, a morte de uma besta gigante abatida por golpes sucessivos.

Passada uma hora continuavam a chegar aviões, uma quarta vaga deles, seguida de uma quinta e de uma sexta. A destruição era inimaginável. O leme fora atingido, o navio rodopiava descontroladamente. Começara a tombar, o mar deslizava pelo convés. *Toda a minha vida foi a dádiva do teu amor*, tinham eles escrito às mães. Os manuais de códigos tinham capas de chumbo para se afundarem com o navio, e a tinta em que eram escritos era de um tipo que se dissolvia na água. Perto do fim da segunda hora, com uma inclinação de quase oitenta graus, centenas de homens mortos e ainda mais feridos, cegos e estropiados, o gigantesco navio começou a afundar-se. As ondas varriam-no e os homens que tentavam agarrar-se ao convés eram arrastados pelo mar em todas as direções. Quando foi ao fundo formou-se à sua volta um enorme remoinho, uma torrente impiedosa em que nenhum homem podia sobreviver, todos eram sorvidos como se caíssem desamparados pelo ar. E depois um desastre ainda maior. As reservas de munições, os grandes obuses, toneladas e toneladas deles, soltaram-se dos seus suportes e foram embater contra as paredes das torres de tiro. Das profundezas do mar subiu uma imensa explosão, com clarões tão intensos que foram vistos de Kyushu quando o arsenal inteiro rebentou. Ergueu-se uma coluna de fogo com mais de um quilómetro e meio de altura, uma coluna bíblica, e o céu encheu-se de pedaços de aço incandescentes que caíam como chuva. Como um eco veio de lá do fundo uma segunda explosão gigantesca que provocou uma erupção de fumo espesso.

Alguns tripulantes que não tinham sido sugados para o fundo ainda nadavam. Estavam negros de combustível e engasgavam-se com as ondas. Alguns entoavam cânticos.

Eram os únicos sobreviventes. Nem o comandante nem o almirante estavam entre eles. O resto dos três mil tripulantes estava no bojo inerte do navio que tinha pousado no fundo do mar.

A notícia do afundamento do *Yamato* correu célere. Era o fim da guerra no mar.

O navio de Bowman foi um dos que ficaram ancorados em Tóquio quando a guerra acabou. Depois navegou rumo a Okinawa para recolher tropas que regressavam a casa, mas Bowman teve oportunidade de descer a terra em Yokohama e percorrer parte do que restava da cidade. Calcorreu consecutivos quarteirões desertos de que só restavam os alicerces. Pairava no ar o cheiro dos destroços calcinados, acre e impregnado de morte. Entre as poucas coisas que tinham escapado à destruição estavam os pesados cofres-fortes de aço maciço dos bancos, embora os edifícios que antes os albergavam tivessem desaparecido. Nas sarjetas viam-se pedaços de papel queimado, notas de banco, tudo quanto restava do sonho imperial.